

3

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: UM OLHAR SOBRE PRÁTICAS, DESAFIOS E IMPACTOS NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA SAÚDE.

- ▶ **Ana Luíza Arantes Knaip**
Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG
anaknaip11@gmail.com
- ▶ **Joice Pires Rodrigues**
Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,
joi-cepires@hotmail.com
- ▶ **Rafaelly Soares Virgilino**
Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,
rafavirgilino399@gmail.com
- ▶ **Virna Gabrielle Oliveira Magalhães**
Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG,
virnagabrielemagalhaes@gmail.com
- ▶ **Caroline Lacerda Alves de Oliveira**
Mestre Profissional em Desenvolvimento Local, Docente no Centro Universitário UNIFACIG,
Manhuaçu-MG,
caroline.lacerda@sempre.unifacig.edu.br

RESUMO

A automedicação é a prática de ingerir medicamentos sem o aconselhamento ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado. O uso inadequado de medicamentos afeta a saúde dos estudantes, tornando vírus e bactérias mais resistentes, além de diminuir a eficácia dos medicamentos. Dependendo do tipo, a medicação pode ainda levar ao desenvolvimento de dependência.

Dado que acadêmicos da área da saúde são importantes participantes do sistema de saúde e desempenham um papel crucial na promoção do uso responsável de medicamentos, torna-se necessário examinar a relação entre a automedicação e esses estudantes. Este estudo descri-

tivo, com abordagem quantitativa, analisou a ocorrência da automedicação entre universitárias do segundo (2º) ao décimo (10º) semestres do curso de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior localizada em um município da Zona da Mata Mineira, em Minas Gerais.

Os resultados indicaram que 74,6% das entrevistadas se automedicam, e 75% delas são dependentes de algum medicamento. Os medicamentos mais utilizados são analgésicos/antialérgicos (90,5%), seguidos por antidepressivos (27%). Quanto à orientação para a automedicação, 71,4% relataram se basear em costumes, enquanto 22,2% afirmaram ser influenciadas por familiares.

Conclui-se que os dados revelam uma alta prevalência da prática de automedicação entre as estudantes, em consonância com os padrões observados em outras pesquisas. Contudo, considerando que o contexto envolve futuros profissionais da área da saúde, esperava-se uma frequência menor desse comportamento, bem como uma abordagem mais cautelosa em relação ao uso de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes; Medicamentos; Psicologia; Saúde.

3

SELF-MEDICATION AMONG PSYCHOLOGY STUDENTS: A LOOK AT PRACTICES, CHALLENGES AND IMPACTS ON THE TRAINING OF HEALTH PROFESSIONALS.

ABSTRACT

Self-medication refers to the practice of taking medications without the advice or supervision of a qualified healthcare professional. Misuse of medications affects students' health by contributing to increased resistance of viruses and bacteria, diminishing the effectiveness of drugs, and in some cases, leading to addiction. Since healthcare students are key participants in the health system and play a crucial role in promoting the responsible use of medications, it is important to examine the relationship between self-medication and these students. This descriptive study with a quantitative approach investigates the occurrence of self-medication among female psychology students from the second (2nd) to the tenth (10th) semesters at a private higher education institution in a municipality in the Zona da Mata region of Minas Gerais, Brazil. Among the respondents, 74.6% reported practicing self-medication, and 75% are dependent on some form of medication. The most commonly used drugs are pain relievers and antihistamines (90.5%), followed by antidepressants (27%). Regarding the motivation behind self-medication, 71.4% do so out of habit, while 22.2% are influenced by family members. The data indicate a high prevalence of self-medication among students, consistent with trends observed in other studies. Surprisingly, given their healthcare background, one might have expected a lower frequency of this behavior, accompanied by a more cautious approach.

Keywords: Self-medication; Students; Medicines; Psychology; Health.

1 INTRODUÇÃO

A ingestão de substâncias medicamentosas sem aconselhamento ou supervisão de um profissional de saúde qualificado é considerada automedicação (Paulo; Zanini, 1998). Os me-

dicamentos são de suma importância na cura, alívio ou controle de sintomas, mas seu uso sem prescrição médica tem se tornado cada vez mais comum e pode trazer uma série de prejuízos para os usuários se realizado de forma inadequada.

De acordo com Almeida et al. (2012) e Matos et al. (2018), vários estudos que avaliam a automedicação constataram alguns fatores que influenciam um indivíduo a realizar essa prática, como: dificuldade de acesso a serviços médicos devido a atrasos e preços das consultas; a limitação do poder prescritivo; a indução do uso de medicamentos por conhecidos ou funcionários de farmácia; a reutilização de receitas médicas por conta da repetição de sintomas anteriores; a falta de disponibilidade para procurar especialistas em saúde; a livre comercialização de medicamentos e propagandas na mídia, que dão a impressão de que os medicamentos são produtos que não provocam prejuízo à saúde. Isso pode ser observado melhor em uma pesquisa realizada pelo ICTQ – Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o mercado farmacêutico –, que apontou que os maiores prescritores desses fármacos são a própria família, balconistas das farmácias e amigos, ou seja, em sua maioria, leigos sobre o assunto em questão. Além disso, a referida pesquisa mostrou quais são os fármacos mais utilizados, sendo eles para o alívio de dores de cabeça, febres, resfriados, entre outros.

Em países menos desenvolvidos, o acesso a serviços de saúde de qualidade é agravado, dificultando a atenção formal à saúde, e os gastos com a produção e distribuição de medicamentos essenciais são elevados (Fabricant; Hirschhorn, 1987). Corroborando essas análises, o Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) aponta que 34% da população brasileira não tem acesso à atenção básica de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS).

De acordo com Malik et al. (2020) e Quispe-Cañari et al. (2021), inúmeras consequências podem ocorrer decorrentes da automedicação sem as devidas prescrições, como: efeitos secundários prejudiciais, doenças iatrogênicas e camuflagem de doenças. Além disso, a automedicação pode aumentar os custos tanto para o paciente quanto para o sistema de saúde. É importante observar que erros na dosagem dos medicamentos também podem levar ao vício em drogas e à resistência aos antibióticos.

Uma das principais causas de intoxicação no país é o uso de medicamentos sem consulta a um profissional médico. Isso ocorre devido à falta de consciência sobre os danos potenciais que essas substâncias podem causar. Por isso, os medicamentos são considerados os principais agentes tóxicos responsáveis por casos de envenenamento humano no país (Lessa; Bochner, 2008). A intoxicação por uso inadequado de medicamentos é a mais perigosa. Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (2020), aproximadamente 30 mil casos de internação resultantes de intoxicação são registrados no Brasil. Além disso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) indica que cerca de 18% das mortes por intoxicação no Brasil podem ser relacionadas à automedicação.

As consequências do uso inadequado de medicamentos têm sido cada vez mais discutidas. Apesar disso, muitas pessoas, mesmo sabendo dos malefícios, continuam se automedicando. Isso é evidenciado na pesquisa divulgada em 2014 pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade

(ICTQ), que mostrou que 76,4% dos brasileiros admitem se automedicar, e que 61,4% das pessoas que se automedicam estão conscientes dos riscos dessa prática.

Segundo Tomasi et al. (2007), o perigo desse hábito está relacionado ao nível de escolaridade e informação das pessoas que utilizam esses medicamentos, mas também ao fácil acesso ao sistema de saúde. Portanto, os motivos para que essa prática continue podem estar relacionados à necessidade e ao anseio de obter alívio dos sintomas de forma imediata, muitas vezes com a instrução de pessoas leigas sobre o assunto, mas também devido ao amplo acesso à internet e às propagandas que induzem a automedicação, além da falta de regulamentação e fiscalização nos locais responsáveis pela venda desses fármacos. De acordo com Junior (2009), a ANVISA é responsável por regulamentar e fiscalizar a propaganda e venda desses medicamentos que podem ser utilizados sem prescrição médica, mas a falta de orientação para as pessoas que adquirem esses produtos pode fazer com que os consumam de forma inadequada e prejudicial.

O ato de se automedicar não é apenas comum entre a população em geral, mas também entre universitários. Alguns estudos mostram que essa prática tem sido recorrente entre indivíduos com maior nível de informação. Na perspectiva de Souza e Sena (2017), é justamente o poder desse conhecimento que gera maior confiança para praticar a automedicação. Os fatores que contribuem para a experiência dos acadêmicos incluem altas cargas de trabalho, maior acesso à informação, interação com outros acadêmicos, influência familiar, elementos psicossociais e ajustes a um novo modo de vida (Rosa et al., 2019).

No documentário norte-americano *Take Your Pills* (2018), é amplamente discutida a competitividade e a alta demanda por resultados, tanto na vida acadêmica quanto no trabalho, que levam as pessoas a ficarem cada vez mais exaustas e optarem por remédios como Ritalina e Adderall para alcançar maior produtividade. Esses remédios, inicialmente prescritos para pessoas com transtornos de atenção e hiperatividade (TDAH), tiveram um aumento no número de usuários por estimularem a atividade mental, aumentarem a concentração e reduzirem a sonolência, proporcionando maior produtividade. No documentário, grande parte dos casos tinha esse mesmo objetivo. No entanto, apenas duas pessoas entrevistadas realmente precisavam das medicações para controle do TDAH.

De acordo com Tognoli et al. (2019), estudos sobre a prática de automedicação entre universitários da área da saúde têm como hipótese encontrar resultados que demonstrem comportamentos condizentes com a formação profissional adquirida, evidenciando hábitos que promovam a conscientização sobre o uso correto e prudente de medicamentos.

Portanto, este artigo tem como objetivo identificar a conduta dos futuros profissionais de Psicologia em relação à automedicação, considerando que são responsáveis por orientar seus pacientes sobre os perigos dessa prática.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa em uma instituição de ensino superior privada de um município do estado de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil, localizada na Zona da Mata Mineira.

Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como objetivo explicar as características de uma população ou fenômeno. Já as pesquisas quantitativas consideram que tudo pode ser quantificado, ou seja, que informações podem ser geradas a partir de números para, assim, classificá-las e analisá-las (Gil, 2002).

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado, baseado no questionário elaborado e validado por Freitas, Marques e Duarte (2017).

A população foi composta por estudantes mulheres do curso de Psicologia de uma instituição de ensino superior privada, totalizando 165 alunas. A amostra foi estabelecida seguindo procedimentos estatísticos, utilizando como parâmetro de determinação a fórmula elaborada por Levine, Berenson e Stefan (2000), com uma margem de erro de 5%.

Fórmula >>>
$$n = \frac{\sigma^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 (N - 1) + \sigma^2 p \cdot q}$$

BASE DE DADOS

?	n = tamanho da amostra;
1,0	σ = nível de confiança escolhido, expresso em números de desvio-padrão;
50,0%	p = porcentagem com a qual o fenômeno se verifica;
50,0%	q = porcentagem complementar;
<u>165,0</u>	N = tamanho da população; e
5,0%	e = erro máximo permitido.

$$n = \frac{\sigma^2 p \cdot q \cdot N}{e^2 (N - 1) + \sigma^2 p \cdot q} \rightarrow n = \frac{41,3}{0,7} \rightarrow n = 62,5$$

Dessa forma, seguindo os parâmetros da fórmula, obteve-se um total de 63 respondentes, composto por universitárias de diferentes períodos. Para tanto, o questionário foi estruturado utilizando o Google Forms e disponibilizado às respondentes por meio de um link, garantindo o anonimato das participantes.

Os dados coletados foram analisados de forma quantitativa em planilhas do Excel®, utilizando-se medidas estatísticas, como média e moda, para a análise dos resultados.s.

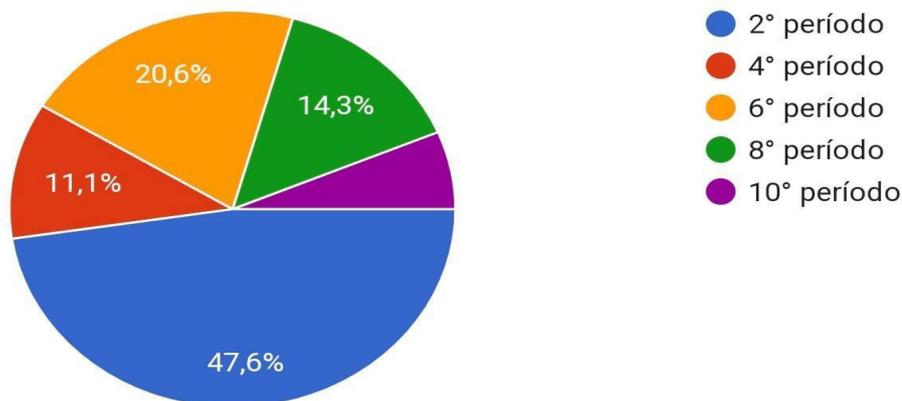
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados e após a aplicação dos parâmetros estatísticos, tem-se que a pesquisa foi composta por 63 estudantes de Psicologia do gênero feminino, matriculadas em uma instituição de ensino superior privada localizada em um município do estado de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil, na Zona da Mata Mineira. O questionário foi enviado para estudantes de todos os períodos do curso de graduação, com perguntas relacionadas à automedicação. Para a construção

da pesquisa, utilizou-se o método descritivo de abordagem quantitativa, com o objetivo de adquirir informações quantificáveis de uma amostra da população.

O perfil da amostra pode ser sintetizado nos seguintes dados: 30 (47,6%) das respondentes estão no segundo período do curso, 7 (11,1%) no quarto período, 13 (20,6%) no sexto período, 9 (14,3%) no oitavo período e 4 (6,3%) no décimo período, como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1- Período do curso de Psicologia das entrevistadas.



Fonte: Dados de pesquisa (2023)

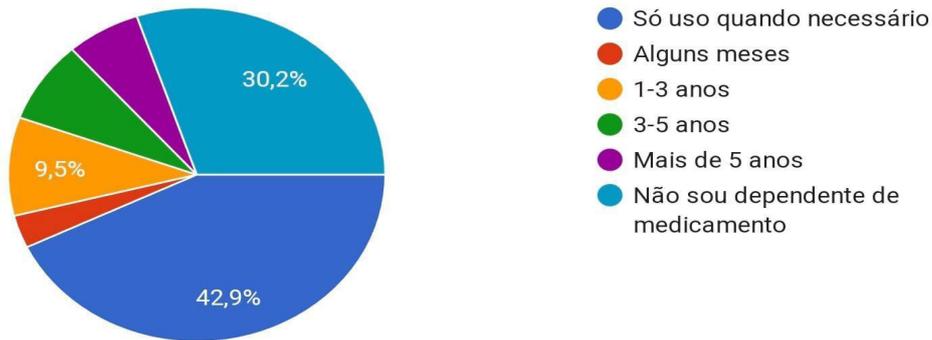
Sobre a prática da automedicação, 47 respondentes (76,6%) afirmaram realizar essa prática, enquanto 16 (25,4%) negaram. O alto número de pessoas que utilizam fármacos por conta própria pode ser justificado pela existência de medicamentos que não necessitam de prescrição médica (Melo; Teixeira; Manica, 2007). Ainda, segundo Arrais et al. (2005), esse comportamento de algumas mulheres pode ser compreendido pela pressão que muitas delas sofrem de médicos e da mídia em relação a problemas específicos em várias fases de sua vida, como, por exemplo, nos períodos menstruais e na menopausa.

No que diz respeito ao conhecimento dos danos que a automedicação pode provocar à saúde, 58 respondentes (92,1%) afirmaram estar cientes, enquanto 5 (7,9%) disseram não ter conhecimento. A automedicação incorreta pode ocasionar Reação Adversa a Medicamento (RAM). De acordo com Romeu et al. (2011, p. 6), citando a Organização Mundial da Saúde (OMS), o conceito de Reação Adversa a Medicamento refere-se a “qualquer resposta prejudicial ou indesejável e não intencional que ocorre com medicamentos em doses usualmente empregadas para profilaxia, diagnóstico, tratamento de doença ou para modificação de funções fisiológicas”.

Em relação à dependência, a maioria das estudantes, 46 (73%), declarou não ser dependente de nenhum medicamento, enquanto 17 (27%) afirmaram ser dependentes.

Sobre o tempo de uso desses fármacos, conforme ilustrado no Gráfico 2, 27 respondentes (42,9%) afirmaram utilizar medicamentos apenas quando necessário, 2 (3,2%) relataram estar usando medicamentos há alguns meses, 6 (9,5%) há 1-3 anos, 5 (7,9%) há 3-5 anos, 4 (6,3%) há mais de cinco anos, e 19 (39,2%) estudantes afirmaram não ser dependentes de nenhum medicamento.

Gráfico 2 - Tempo de uso do medicamento por universitárias do curso de psicologia



Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Sobre a compra ou uso de medicamentos com ou sem prescrição médica, 32 (50,8%) estudantes afirmaram que utilizam medicamentos com receita, enquanto 31 (49,2%) relataram utilizá-los sem receita. Quanto à utilização de receitas novas ou reutilizadas, 57 (90,5%) respondentes afirmaram utilizar receitas novas, enquanto 6 (9,5%) disseram reutilizar receitas antigas. Aquino (2008) resalta que o consumo de fármacos tem relação direta com tradições culturais e práticas instintivas, muitas vezes sem qualquer base racional, devido, entre outros fatores, à fácil disponibilidade de medicamentos, independentemente da classe social.

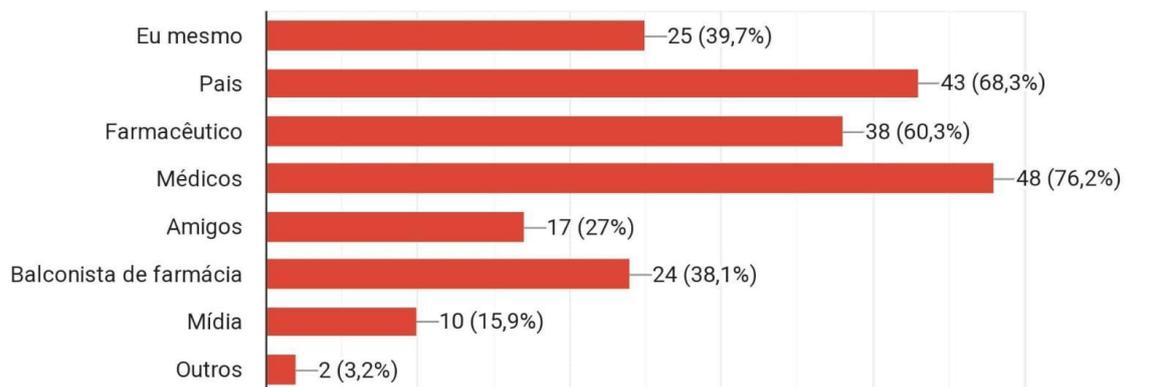
No que diz respeito aos efeitos colaterais, 33 respondentes (52,4%) relataram tê-los experimentado ao se automedicarem, enquanto 30 (47,6%) afirmaram não sentir nada. De acordo com a Pfizer (2023), todo medicamento pode causar efeitos colaterais e, se tomado incorretamente, pode ser mais prejudicial do que benéfico para o corpo.

Das estudantes que praticaram a automedicação, 50 (84,7%) afirmaram que seus problemas foram resolvidos, enquanto 9 (15,3%) disseram que não obtiveram a solução desejada. Isso reforça a importância da prescrição médica por profissionais qualificados, já que orientar os pacientes sobre o uso correto dos medicamentos é essencial para o sucesso do tratamento. A falta de orientação é apontada como uma das principais causas do uso inadequado de medicamentos (Oenning; Oliveira; Blatt, 2011).

Quanto à indicação de medicamentos, os resultados, conforme ilustrado no Gráfico 3, apontam que os médicos são os maiores responsáveis por orientar o consumo de medicamentos (76,2%), seguidos pelos pais (68,3%). Outros indicados incluem farmacêuticos (60,3%), a própria pessoa (39,7%), balconistas de farmácias (38,1%), amigos (27%), mídia (15,9%) e outros (3,2%). Observa-se que muitos seguem as orientações médicas, o que não configura automedicação. Entretanto, o ato de reutilizar receitas pode indicar uma decisão própria, alinhando-se aos conceitos de automedicação.

Conforme publicado por Jaramillo et al. (2005), o setor privado é o principal responsável por fornecer fármacos à população brasileira. Naves et al. (2010) destacam que, na maioria dos casos, o comércio de medicamentos em farmácias e drogarias está sob o controle de pessoas leigas no assunto, como proprietários e balconistas de farmácias.

Gráfico 3 – Relação do aconselhamento para se automedicar pelas estudantes de Psicologia.



Observação: O questionário permitia mais de uma resposta na questão.

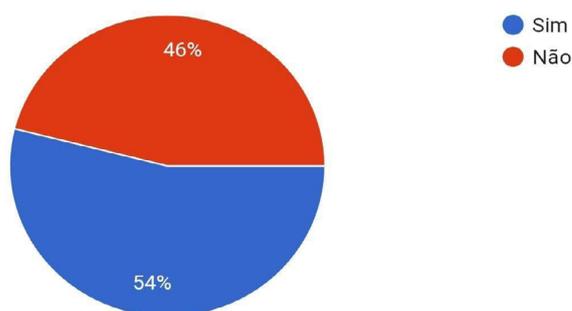
Fonte: Dados de pesquisa (2023)

De acordo com Zamuner (2006), alguns fatores favorecem a prática da automedicação e podem prejudicar a eficiência dos remédios, como a falta de cuidados com a farmácia caseira e a segurança no uso de medicamentos. Isso pode aumentar o risco de intoxicação por ingestão acidental, facilitar a ocorrência de erros na escolha dos medicamentos e, ainda, levar à perda da eficiência dos fármacos devido ao mau armazenamento ou ao vencimento.

De acordo com Filho et al. (2002), a maior disponibilidade de produtos no mercado gera uma maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos. Essa disponibilidade induz o pensamento de que os fármacos são inofensivos, fazendo com que as pessoas consumam, de forma consciente ou não, medicamentos de maneira indiscriminada, o que pode acarretar consequências negativas decorrentes de efeitos adversos no organismo.

Os dados sistematizados no Gráfico 4 indicam o uso simultâneo de remédios prescritos por médicos e remédios consumidos por conta própria pelas entrevistadas. Nele, 54% das participantes relataram que fazem esse uso simultâneo, enquanto 46% afirmaram que não utilizam medicamentos de forma simultânea. Essa divisão reflete uma prática comum entre muitos pacientes, que pode envolver automedicação associada ao uso de prescrições médicas.

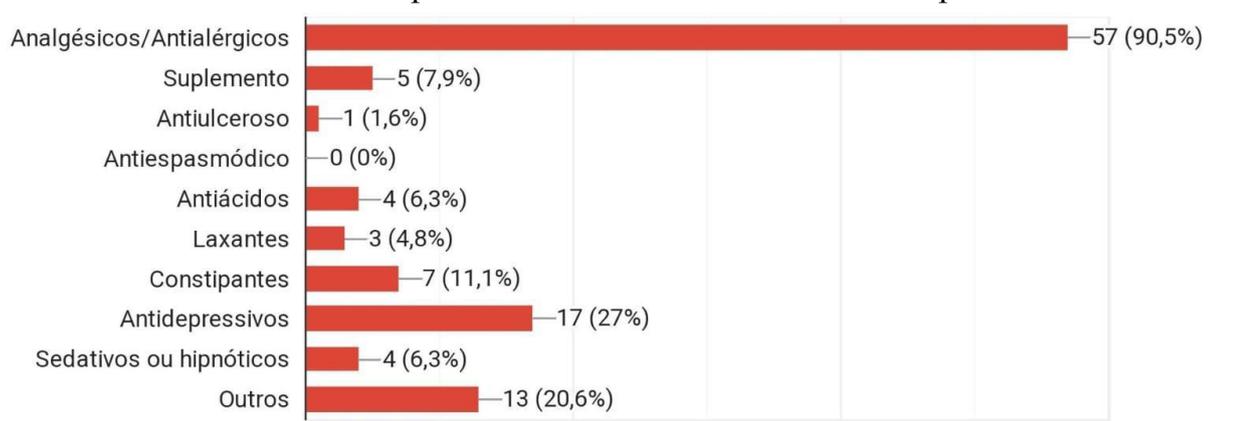
Gráfico 4 – O uso simultâneo de medicamentos prescritos pelo médico e por conta própria



Fonte: Dados de pesquisa (2023)

Os achados da pesquisa indicam que os medicamentos mais utilizados são os analgésicos/antialérgicos, representando 90,5% da amostra, corroborando os resultados obtidos na pesquisa de Freitas, Marques e Duarte (2017), na qual 87,7% dos entrevistados afirmaram que esses medicamentos são os mais utilizados. Aquino, Barros e Silva (2010) ressaltam que o uso recorrente de analgésicos e antialérgicos representa uma prática que transmite a ideia de que essas substâncias não causam danos à saúde. No entanto, é necessária cautela, pois o mesmo remédio que alivia pode ocasionar efeitos colaterais perigosos. O antidepressivo foi o segundo medicamento mais apontado na pesquisa (27% da amostra), seguido por outros medicamentos (20,6% da amostra).a).

Gráfico 5 - Tipos de medicamentos mais utilizados pelas estudantes



Observação: O questionário permitia mais de uma resposta na questão.

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

Quando questionadas sobre as dificuldades para a compra de medicamentos, 82,5% das respondentes negaram ter alguma dificuldade, enquanto 17,5% relataram ter enfrentado problemas para adquiri-los. Esses dados reforçam o ponto já discutido sobre a facilidade de compra de medicamentos isentos de prescrição médica, ou seja, de venda livre, facilmente encontrados em farmácias e drogarias e sem tarjas (Marinho; Meirelles, 2021).

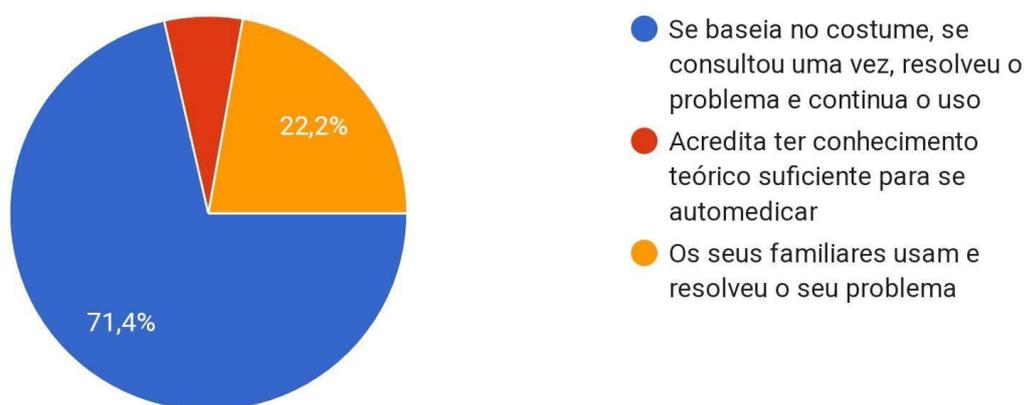
As respostas registradas sobre a disponibilidade de medicamentos indicaram que 76% da amostra pesquisada sempre têm medicamentos em casa, 20,6% não os possuem em casa, mas sempre compram quando necessário, e 6,3% das respondentes afirmaram que não têm medicamentos em casa, mas, quando necessário, procuram uma unidade de saúde para obter a receita. O alto número de fármacos disponíveis em casa pode, por vezes, constituir um "arsenal terapêutico", o que também é considerado um fator de risco (Ferreira et al., 2005). Os autores apontam que essas farmácias caseiras podem aumentar os riscos de intoxicação por mau uso, além de prejudicar a eficiência e a segurança na administração desses medicamentos.

No que diz respeito à orientação para se automedicar, conforme o Gráfico 6, 71,4% das respondentes relataram que se baseiam no costume, pois já se consultaram uma vez, e o remédio indicado resolveu o problema, motivo pelo qual continuam o uso por conta própria. Além disso, 22,2% das entrevistadas afirmaram que algum membro do grupo familiar já utilizou o medicamento e, como

ele resolveu o problema, elas também optaram por usá-lo. Por fim, 6,3% da amostra disseram acreditar ter conhecimento teórico suficiente para se automedicar.

Esses resultados confirmam os achados do estudo de Freitas, Marques e Duarte (2017), em que, de forma similar, foi observado que a maioria dos estudantes se baseia em prescrições anteriores para praticar a automedicação.

Gráfico 6 – Disponibilidade de medicamentos em casa pelas estudantes



Fonte: Dados de pesquisa (2023)

De forma geral, 82,5% da amostra pesquisada afirmaram que as pessoas próximas a elas se automedicam, enquanto 17,5% disseram que seus conhecidos não realizam essa prática. No que se refere à influência das redes sociais na utilização de medicamentos, cerca de 18 pessoas (28,6% da amostra) afirmaram que elas influenciam, enquanto 41 pessoas (71,4% dos respondentes) negaram essa influência.

É perceptível que as redes sociais têm tido influência na prática da automedicação; porém, as respondentes divergem dos achados da pesquisa desenvolvida por Queiroz et al. (2022), que aponta uma grande influência da mídia no uso indiscriminado de medicamentos. Segundo o estudo, a mídia minimiza os efeitos colaterais e enfatiza os benefícios, sendo, em alguns casos, o único meio de informação acessado pelos pacientes.

Sobre o conhecimento dos efeitos adversos, 77,8% da amostra pesquisada afirmaram que leem a bula e sabem sobre os efeitos, enquanto 22,2% dos respondentes negaram esse conhecimento. Os resultados obtidos corroboram os achados do estudo realizado por Chaves (2019), no qual a maioria dos participantes entrevistados relatou ler a bula antes de ingerir um medicamento. Entre eles, as mulheres são as mais bem informadas: cerca de 84% leem a bula para se informar sobre os efeitos adversos.os.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados permitem inferir que, apesar do conhecimento dos danos que a prática da automedicação pode causar, ela ainda é amplamente praticada por essas estudantes. Esses achados

contradizem a hipótese inicial, pois, sendo estudantes da área da saúde, esperava-se que o uso incorreto de medicamentos fosse menor e mais controlado. Isso leva a considerar que o conhecimento pode induzir as universitárias a fazerem uso inadequado de tais remédios. Esse comportamento ignora que, apesar de o medicamento oferecer alívio temporário, seu uso incorreto pode representar riscos significativos à saúde.

Um importante achado é a questão das influências que levam essas pessoas a praticarem a automedicação, sendo elas: familiares, balconistas de farmácias, amigos, propagandas nas mídias sociais e a reutilização de receitas, que incentivam ou dão continuidade a essa prática.

A automedicação é um fenômeno complexo com várias consequências. É de suma importância reconhecer que a busca por orientação profissional resulta em um tratamento mais adequado e seguro. A promoção de educação e conscientização sobre os riscos da automedicação são passos cruciais para garantir o bem-estar e a segurança de todos. Portanto, evitar a automedicação contribui para uma conduta mais saudável e segura em relação aos cuidados com a saúde.

Para uma melhor compreensão desse comportamento rotineiro entre universitários, sugere-se que este estudo seja ampliado para outros cursos e que os resultados sejam propagados e discutidos em diferentes espaços das instituições. Assim, a conscientização sobre essa prática poderá ser avaliada e debatida como um risco à saúde física e mental dos jovens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. *et al.* Levantamento do uso de medicamentos por estudantes do ensino médio em duas escolas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 18, n. 1, p. 215–230, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/XwgThPpw9TxLr8JLNwbhCFD/?lang=pt#>>. Acesso em 20 nov. 2023.

AQUINO, D. S. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 733–736, abr. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/ZqY8ZMrDQnVZNtdLNjQsFvM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 03 nov. 2023.

AQUINO, D. S.; BARROS J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciências & Saúde Coletiva**, Recife, p. 2533-2538, 2010. <Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhWPXqzbz-7QtmHJHQvz/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em 04 nov. 2023.

ARRAIS, P. S. D. *et al.* Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cad Saude Publica** 21(6):1737-46, 2005. DOI:10.1590/S0102-311X200500060002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/ZPk5Z5K4P8Cctkx6P3LZT4N/?lang=pt#>>. Acesso em 15 nov. 2023.

CHAVES, G. **Maioria dos brasileiros diz seguir prescrição médica e até ler bulas**. 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/saude/maioria-dos-brasileiros-diz-seguir-prescricao-medica-e-ate-ler-bulas>>. Acesso em 03 dez. 2023.

FABRICANT, S.; HIRSCHHORN, N. Deranged distribution, perverse prescription unprotected use: the irrationality of pharmaceuticals in the developing world. **Health Policy and Planning**, Oxford, v. 2, n. 3, p. 204-213, 1987.

FERREIRA, W. A. *et al.* Avaliação de Farmácia Caseira no Município de Divinópolis (MG) por Estudantes do Curso de Farmácia da Unifenas. **Rev. Infarma**, v.17, nº 7/9, 2005. Disponível em: <<https://revistas.cff.org.br/infarma/article/view/267>>. Acesso em 15 nov. 2023.

FILHO, A. I. de L.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do Bambuí. **Revista Saúde Pública**, v.36, n.1, p.55-62, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rsp/2002.v36n1/55-62/pt>>. Acesso em 15 nov. 2023.

FREITAS, V. P.; MARQUES, M. S.; DUARTE, S. F. P. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. Id on Line **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 2017, vol.12, n.39, p.25-37. ISSN: 1981-1179. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/938>>. Acesso em 01 dez. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ICTQ. **Pesquisa – Automedicação no Brasil (2018)**. Disponível em: <<https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>>. Acesso em 20 nov. 2023.

JARAMILLO, N. M. *et al.* Avaliação da assistência farmacêutica no Brasil: estrutura, processo e resultados. In: **Avaliação da assistência farmacêutica no Brasil: estrutura, processo e resultados**. 2005. p. 260-260. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-442275>>. Acesso em 30 nov. 2023.

JUNIOR, T. S. F.. Competência da Anvisa e a regulamentação da propaganda. **Revista de Direito Administrativo**, v. 251, p. 215-232, 2009.

LESSA, M. de A.; BOCHNER, R.. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicações e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 11, p. 660-674, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/rbepid/2008.v11n4/660-674/pt>>. Acesso em 20 nov. 2023.

LEVINE, D. M., BERENSON, M. L.; STEFAN, D. **Estatística: Teoria e aplicações**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MALIK, M. *et al.* Automedicação durante a pandemia de Covid-19: desafios e oportunidades. **Drugs Ther Perspect** 36 , 565–567, 2020. Disponível em: <<https://rdu.be/dR3q0>>. Acesso em 15 dez. 2023.

MARINHO, L. N. S.; MEIRELLES, L. M. A. Os Riscos Associados ao Uso de Medicamentos Isentos de Prescrição. **Revista Saúde Multidisciplinar**, Mineiros, v. 1, n. 9, p. 09-14, mar. 2021. Disponível em: <<http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/144>>. Acesso em 20 nov. 2023.

MATOS, J. F. *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76–83, jan. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/65DK5G5dCrhCsWJZgWXBsmF/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em 20 nov. 2023.

MELO, E. B.; TEIXEIRA, J. J. V.; MANICA, G. C. M. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. **Cien. Saúde Colet.** 12(5): 1333-1339, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/gqxWXYtS7YNDN75NhJh5ps/#>>. Acesso em 02 dez. 2023.

NAVES, J. O. S. *et al.* Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1751–1762, jun. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/FPDPyz65X6qTGNMHFwrnb8R/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 03 dez. 2023.

OENNING, D.; OLIVEIRA, B. V.; BLATT, C. R. Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3277–3283, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/jDKk6tc4DMnpy9wnM97XnHk/>>. Acesso em 25 nov. 2023.

PAULO, L. G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **Rev. Assoc. Méd. Bras.**, v.34, n.2, p. 69-75, 1998. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-64037>>. Acesso em 20 nov. 2023.

PFIZER. **Os riscos da automedicação**. 2023 Disponível em: <<https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/os-riscos-da-automedicacao>>. Acesso em 03 dez. 2023.

QUEIROZ, S. L. et al. A influência da mídia sobre a automedicação e o papel do farmacêutico para promover o uso racional de medicamento. **Saúde & Ciência em Ação**, v. 8, n. 1, p. 130-145, 2022. Disponível em: <<https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/view/982>>. Acesso em 03 dez. 2023.

QUISPE-CAÑARI, J. F. *et al.* Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: A cross-sectional survey. **Saudi Pharmaceutical journal**, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33519270/>>. Acesso em 03 dez. 2023.

ROMEU, G. A. *et al.* Notificação de reações adversas em um hospital sentinela de Fortaleza-Ceará. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://rbfhss.emnuvens.com.br/sbrafh/article/view/91>> Acesso em 30 nov. 2023.

ROSA, A. L. N. *et al.* Eventos produtores de estresse emocional mais comuns na população de estudantes do curso de medicina. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**. Rio de Janeiro: Itaperuna, v. 5, n. 5, 26 p.; dez. 2019. Disponível em: <<http://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/454>>. Acesso em 30 nov. 2023.

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas: dados de intoxicação: dados nacionais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2020c2009 [citado 16 mar 2021]. Disponível em: <<https://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SOUSA, L. A.; SENA, C. F. A. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, 5, 1-21, 2017. Disponível em: <<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/115>>. Acesso em 10 dez. 2023.

TAKE YOUR PILLS. Alison Klayman, 2018. 87 minutos.

TOGNOLI, T. A. *et al.* Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, 4, 382-386, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2571>>. Acesso em 10 dez. 2023.

TOMASI, E. *et al.* Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Rev Bras Epidemiol** 2007; 10(1):66-74. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/ZShXR-Qdrw5mQYLYY99fQgrR/?format=html#>>. Acesso em 10 dez. 2023.

ZAMUNER, C. P.; Prefeitura do Município de Tietê Secretaria Municipal de Saúde Vigilância Sanitária e Epidemiológica. Cuidado com os medicamentos. Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.tiete.sp.gov.br/default.asp?CID=62>>. Acesso em: 30 nov. 2023